

CONFINI, MOBILITÀ E MIGRAZIONI. UNA CARTOGRAFIA DELLO SPAZIO EUROPEO

*Borders, Mobility and Migrations.
A cartography of the European space*

NAVONE, Lorenzo (ed.). Milano: Agenzia X, 2020, 224p.

Roberto Marinucci ^o

O livro *Confini, Mobilità e Migrazioni. Una cartografia dello spazio europeo*, organizado por Lorenzo Navone, com contribuições de numerosos pesquisadores e pesquisadoras, traz diferentes olhares e perspectivas sobre um dos temas mais debatidos na atualidade, ao nível mundial: as mobilidades e as fronteiras. De forma específica, o livro, que foca basicamente algumas realidades da União Europeia (UE), busca elaborar uma cartografia que leve em conta a espacialidade e a temporalidade de territórios fronteiriços, duas dimensões que se entrelaçam e se moldam reciprocamente. De fato, tais territórios fronteiriços estão sempre em movimento (Navone), tanto pela mobilidade das pessoas migrantes e refugiadas, quanto pela mobilidade das respostas securitárias, que tendem constantemente a delocalizar a fronteira (Walters), fenômeno conhecido também como externalização e internalização. Nessa perspectiva, a fronteira deixa de ser “linear” (Moatti; Kobelinsky e Pian) e se torna cada vez mais complexa e diversificada, por diferentes motivos.

Em primeiro lugar ocorre uma “ampliação” da fronteira, não sendo apenas fixada no espaço geográfico linear entre dois ou mais estados. As políticas migratórias restritivas e securitárias multiplicaram as “fronteiras” antes e depois dos confins entre países. A externalização (*outsourcing*), por um lado, e as políticas internas de fronteirização, por outro, fizeram da fronteira algo que, de fato, caminha junto aos migrantes. A jornada migratória é caracterizada pela travessias de uma multiplicidade de confins e limites. A superação de uma fronteira é apenas uma etapa, pois há outras fronteiras depois da fronteira. O livro, por exemplo, aponta fronteiras “internas”, como a fronteira do idioma

^o Editor-chefe da Revista REMHU, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (CSEM). Brasília, DF, Brasil. E-mail: remhu@csem.org.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2042-2628>.

(Navone e Tersigni), a fronteira entre Itália e França que, conforme os acordos de Schengen, não deveria existir (Giliberti, Queirolo Palmas), a fronteira dos *hotspots* na terra de chegada (Anderlini), bem como a fronteira burocrática dos Acordos de Dublin (Foschini). As travessias contemporâneas são análogas a “corridas com obstáculos”, onde antes da linha de chegada há numerosos obstáculos a superar.

Mas os espaços fronteiriços são marcados também por novas temporalidades que alteram as cartografias e as dinâmicas da mobilidade (e também da imobilidade). A fronteira, nesta perspectiva, não é mais um ponto de travessia, mas um espaço de espera (*attesa*) e, portanto, de residência e de convivência temporárias. Uma realidade já presente em outras áreas geográficas, como testemunham os *atrapados* na fronteira norte do México (Iturralde, Piñeiro, 2021). Há uma extensão do tempo que molda novas espacialidades. Na “selva” de Calais, no norte da França (Cometti e Eczet) ou na floresta Gourougou de Marrocos (Kobelinsky e Pian), a imobilidade (espera) marca a jornada de pessoas migrantes, que são chamadas a conviver com pessoas oriundas de outros países em espaços moldados com novas regras sociais para abrigar temporariamente seres humanos em trânsito. Poder-se-ia dizer que a jornada migratória envolve uma pluralidade de processos de adaptação ou “integração”, sobretudo nos espaços fronteiriços onde a imobilidade é imposta – podem ser áreas geográficas de espera, como Calais (Cometti e Eczet), mas também um *hotspot* na Sicília (Anderlini) ou um *Centro de Estancia Temporal de Inmigrantes* em Melilla (Kobelinsky e Pian).

O tema da espera, que combina a imobilidade espacial e a reduzida possibilidade de agenciar o próprio tempo, é sublinhado por vários artigos. A “espera” envolve “esperança”, mas também “desespero”. O tempo passa, e continua passando, enquanto o espaço de trânsito se torna, de fato, um lugar de residência indefinitivamente temporária. Os projetos migratórios são suspensos, procrastinados. O espectro do fracasso assombra quem apostou na mobilidade geográfica como caminho de inclusão biológica e social. O tema da espera, nessa perspectiva, envolve processos de hierarquização e dominação de pessoas em situação de vulnerabilidade, quase que uma “pedagogia da paciência” (Mallimaci, Magliano, 2020) funcional ao processo de “inclusão diferencial” (Mezzadra, 2005).

Isso nos leva a outro ponto: a fronteira é também apresentada no livro como “área opaca” (Kobelinsky e Pian) ou “cinzenta” (Navone e Tersigni): espaço de produção estatal da “ilegalidade” e da “deportabilidade” (De Genova, 2013), de disputas de poder, inclusive entre migrantes; espaço não apenas de exclusão, mas também de inclusão subordinada; espaço espetacularizado e hiper-visibilizado ou, em outros contextos, propositalmente ocultado (há uma “clandestinação” das violações dos direitos humanos), dependendo dos

interesses de seus atores. Nessa ótica a metáfora da “fortaleza” não ajuda muito: a União Europeia possui fronteiras seletivas, porosas, desafiadas pelas estratégias de sobrevivência e superação das pessoas migrantes, pelos interesses securitários de inclusão seletiva, bem como pela presença cada vez mais protagonista da sociedade civil solidária (Cuttitta; Giliberti e Queirolo Palmas; Heller, Pezzani e Stierl).

Alguns artigos se debruçam sobre a ação da Sociedade Civil, apontando a pluralidade de abordagens e desafios: buscar a “visibilização” e a “escuta” do que está sendo ocultado e abafado (Heller, Pezzani e Stierl); conjugar o humanitário e o político (Giliberti e Queirolo Palmas); contrastar as dinâmicas de “deslocalização das fronteiras” (externalização) (Cuttitta). A fronteira é o lugar de intersecção entre humanitário e securitário, onde o primeiro, por vezes, se torna funcional ao segundo. Quando isso não ocorre é comum a criminalização das ações solidárias. Esse é o paradoxo da fronteira: é o espaço em que defender a dignidade de seres humanos se torna um ato supostamente antipatriótico. A esse respeito, o livro contém também uma entrevista com o sociólogo francês Etienne Balibar (Navone e Rahola) que identifica o sujeito político de transformação justamente no “encontro entre forças que vêm de ambos os lados de uma fronteira” (p. 46): é a sinergia entre migrantes e ativistas da sociedade civil organizada que pode gerar processos anti-sistêmicos de transformação.

O livro é aconselhado para acadêmicos, ativistas da sociedade civil, *polymakers* e qualquer pessoa interessada a aprofundar as dinâmicas das migrações contemporâneas.

Referências bibliográficas

- De GENOVA, Nicholas. Migrant “Illegality” and Deportability in Everyday Life. *Annual Review of Anthropology*, v. 31, p. 419-447, 2002.
- ITURRALDE, Lorena Mena; PIÑEIRO, Rodolfo Cruz. Atrapados en busca de asilo. Entre la externalización fronteriza y la contención sanitaria. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 29, n. 61, p. 49-65, 2021.
- MALLIMACI, Ana Inés; MAGLIANO, María José. Esperas y cuidados. Reflexiones en torno a la gestión del tiempo de mujeres migrantes en dos espacios urbanos de Argentina. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 28, n. 59, p. 161-176, 2020.
- MEZZADRA, Sandro. Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 23, n. 44, p. 11-30, 2015.